

## **Nota (breve) sobre Bordalo, a Jarra e Beethoven<sup>1</sup>**

João B. Serra<sup>2</sup>

Em 1895, acedendo a uma encomenda de José Relvas, proprietário ribatejano com vastas relações na elite da cultura, Rafael Bordalo Pinheiro iniciou a concepção de uma peça de cerâmica dedicada a Beethoven. Os trabalhos de elaboração dessa peça – uma jarra de grandes proporções – foram complexos e demorados. Absorveram a atenção e o empenho de Bordalo e mobilizaram as capacidades dos melhores ceramistas que ainda o acompanhavam no seu atelier da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. No seu “Livro de Empreitadas”, um desses operários, Avelino Soares Belo, deixou um rasto manuscrito dos passos dessa aventura por todos seguida com indisfarçada ansiedade. O próprio Bordalo registou num “Caderno de Notas” transcrito pela primeira directora do Museu que tem o seu nome em Lisboa, Julieta Ferrão, o andamento atribulado da operação.

Encarada como uma extravagância bordaliana, uma provocação de génio aos condicionamentos do processo cerâmico, a Jarra Beethoven pode talvez ser tomada como uma tentativa de esconjurar a maldição duma empresa que falhara sucessivamente os projectos industriais que presidiram à sua criação. Certo é que a maldição se abateu cedo sobre a própria jarra. Das peripécias que rodearam a sua abertura na roda de oleiro, secagem e cozedura, até à constatação de que era inadequada para o local a que o cliente

---

<sup>1</sup> Publicado em Suplemento especial da *Gazeta das Caldas* dedicado a Rafael Bordalo Pinheiro, Janeiro de 2007.

<sup>2</sup> Professor da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha.

de Bordalo a destinava, tudo se conjugou para trocar as voltas ao destino desta peça singular.

Rejeitada por Relvas, a jarra deambulou, ao longo dos anos 1898 e 1899 entre Caldas e Lisboa (exposição no foyer do Teatro D. Amélia), e entre Lisboa e Rio de Janeiro, sempre em busca de um comprador que lhe fizesse jus. O aplauso da imprensa, ecoando porventura a curiosidade popular, escondeu mal as reservas da crítica. Ramalho Ortigão, por exemplo, sempre pronto a glorificar Bordalo, deixou escapar em família um juízo desfavorável: “bela peça para concurso” mas “obra defeituosa”<sup>3</sup>.

Leiloadada no Brasil, no Verão de 1899, depois de mais uma vez ter ficado sem comprador, acabou por, ironicamente, sair a um número que integrava um lote de rifas previamente recusadas. Oferecida, enfim, por Bordalo a um mecenas brasileiro, foi por este entregue em doação ao Presidente da República que a destinou à sala de música do Palácio do Catete, onde temporariamente permaneceu.

Celebrada como um prodígio, a jarra Beethoven arrastou a sua incrível dimensão (280 cm de altura) e a sua incontida profusão de elementos decorativos como outros tantos factores dissuasórios de um desejo de compra. Devemos então procurar descortinar os motivos que levaram Bordalo a deitar ombros a tal “excesso”. Ramalho que também se colocou essa interrogação em 1898 achou plausível que “uma tão gigantesca coisa”

---

<sup>3</sup> “A jarra de Bordalo é inteiramente uma bela peça para concurso de cerâmica porque não há dificuldade que nela não se ache resolvida. Como composição decorativa, no ponto de vista absolutamente estético, é obra muito defeituosa, excessiva, complicada, destituída absolutamente das condições fundamentais de uma obra de arte, que são a ponderação, a harmonia e a lógica de conjunto”. Ramalho Ortigão, *Cartas a Emilia*, introdução., selecção, fixação do texto, comentários e notas por Beatriz Berrini, Lisboa, Lisóptima/Biblioteca Nacional, 1993.

tivesse sido “feita unicamente no intuito pouco poético e extra-artístico de entupir de admiração os basbaques”<sup>4</sup>.

Justificava-se um gesto de tamanha teatralidade? Sim. Não tanto pela necessidade de afirmação pessoal do autor, então com um curriculum sólido de uma dúzia de anos de renovação da cerâmica portuguesa, mas sobretudo como chamada de atenção para a situação da empresa que via definhando a sua carteira de encomendas. Sousa Viterbo deixou-nos a esse propósito, uma informação clara no *Diário de Notícias* de 26 de Outubro de 1898: “Mal pensaríamos nós, ao contemplar a admirável Jarra Beethoven, que aquele seria o derradeiro canto do cisne do poeta da cerâmica. Efectivamente, não parece haver a menor dúvida a este respeito. Temos presente uma carta de Bordalo Pinheiro em que ele nos comunica, doloridamente, a resolução de fechar a sua fábrica, o seu *home*, ao seu lar, a sua ambição, a sua felicidade”<sup>5</sup>.

Na mescla de sentimentos contraditórios que a jarra inspirou – espanto e admiração perante a ousadia do artista mas recusa geral em trazer a obra para um convívio partilhado – adivinha-se uma alegoria do destino da unidade cerâmica onde fora produzida. Bordalo quis que assim fosse – uma obra extraordinária que ninguém adquirisse – e provavelmente concebeu-a como uma “peça final”. Com intuito semelhante, anos antes, cometera um projecto equiparável: a Talha Manuelina, ou Talha dos Operários, cuja venda estava indexada ao pagamento de salários em falta.

A Jarra Beethoven não mais foi vista em Portugal. Raros foram os portugueses que a puderam observar e que do facto deram notícia até hoje. Hoje, certamente a precisar de

---

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>5</sup> Sousa Viterbo, *Cem artigos de Jornal*. Lisboa, Diário de Notícias, 1912

restauro, depois das mutilações a que foi sujeita, permanece prisioneira da sua maldição, num discreto recanto do Museu das Belas Artes do Rio de Janeiro.

Conhecendo os esforços recentemente efectuados lhe devolver a sua própria história – que suponho ainda não coroados de êxito – gostaria de deixar aqui um modesto contributo para lhe emprestar um “novo” destino. Remeto para a história de Ludwig Van Beethoven.

Nascido em Bona em 1770, Beethoven contactou desde o berço com a música, para a qual cedo revelou um talento de excepção. Reconhecendo a necessidade de lhe proporcionar o contacto com grandes mestres, o seu protector enviou-o a Viena de Áustria em 1792. Nos três anos seguintes recebeu aulas dos mestres vienenses Haydn, Albrechtsberger e Salieri. Em 1794 compôs a sua primeira obra original, celebrada como um trabalho muito promissor. Em 1798, o príncipe Lobkowitz encomendou-lhe 6 quartetos para cordas.

Era uma encomenda prestigiosa mas exigente. Mozart e Haydn tinham elevado o género a grande projecção. Lobkowitz, na altura em que desafiou Beethoven dirigiu encomenda idêntica ao velho mestre Haydn. O jovem músico aplicou-se com determinação durante os dois anos seguintes na composição dos quartetos, cuja edição, em 1801, significaria simplesmente o triunfo. O último quarteto a ser concluído terá sido o 4º, provavelmente de um só jacto, pois nunca foi encontrado o respectivo estudo prévio. A peça foi recebida com enorme entusiasmo, consagrando definitivamente o seu autor<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Diz-se que Beethoven confidenciou na altura: “É uma merda, mas está bem para este público de merda”.

Foi esta a peça musical – para dois violinos, violoncelo e violão – que Rafael Bordalo Pinheiro escolheu para assinalar, 100 anos decorridos sobre a sua criação, a Jarra com que impressionou o mundo jornalístico da sua época.

O jovem Beethoven triunfante, vergando o público de Viena que a si próprio se considerava como o mais difícil, serviu de mote a um Bordalo que julgava ter chegado ao fim de um atribulado percurso cerâmico e que pretendeu assinalar esse final com uma obra que para sempre testemunhasse o seu inconformismo de criador.